

XI SEUR – V Colóquio Internacional sobre Comércio e Consumo Urbano

**GEOGRAFIA E LITERATURA: AS TERRITORIALIDADES
DO CAIS DO PORTO EM *CAPITÃES DA AREIA***

Carolina Rehling Gonçalo, Universidade Federal de Pelotas

carolrg90@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa que busca aproximar a geografia do trabalho com a literatura vista como objeto social capaz de representar o real. Neste artigo foi realizada uma análise dos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização do cais do porto antigo da cidade de Salvador/BA, através da representação feita por Jorge Amado no romance: *Capitães da Areia* (1937). O romance de Amado que narra o cotidiano de menores abandonados oferece diversas possibilidades de problemáticas acerca do território e das territorialidades. Na obra literária de Amado percebe-se entre os demais territórios representados, o do antigo cais que outrora era formado por sujeitos trabalhadores dos saveiros e das docas e que no momento da narrativa é ocupado pelos meninos de rua. Este território sofre diversas modificações ao longo da narrativa, sendo essas modificações aqui exploradas a fim de refletir acerca das modificações no espaço e nos processos territoriais. Além da análise do romance, esta pesquisa mostra também a situação do espaço representado por Jorge Amado em 1937, e atualmente no ano de 2015.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Território. Desterritorialização. Jorge Amado.

RESUME

This work it is research that seeks to approximate the geography of work and literature seen as social object capable of representing the real. This article was carried out an analysis of territorial processes, dispossession and repossession of the former the docks of the city of Salvador / BA, through the representation made by Jorge Amado in the novel: *Captains of the Sand* (1937). Amado's novel chronicling the abandoned children everyday offers several possibilities about the problem of territory and territoriality. In the literary work of Amado is noticed among the other territories represented, the old pier that once consisted of subjects workers sloops and the docks and at the time of the narrative is occupied by street children. This territory suffered several changes throughout the narrative, and these modifications are explored here in order to reflect on the changes in space and territorial processes. In addition to the novel analysis, this research also shows the status of the space represented by Jorge Amado in 1937 and now in 2015.

Keywords : Geography. Literature. Territory. Desterritorialização. Jorge Amado.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe-se a realizar um estudo aproximando a literatura da Geografia, através da análise dos processos territoriais representados no romance: *Capitães da Areia*, de Jorge Amado,

lançado em 1937. A representação destes processos territoriais como territorialização, desterritorialização e reterritorialização, serão utilizados como ponto de partida para a reflexão acerca do território por fim, ocupado pelos meninos de rua de Salvador/ BA.

Têm-se como objetivo promover diferentes abordagens nos estudos geográficos utilizando-se da literatura como objeto social, capaz de proporcionar a compreensão dos problemas de ordenação do espaço e do território. Procura-se compreender a dinâmica dos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Bem como analisar a dinâmica desses processos no romance de Jorge Amado.

Para tanto, foi utilizado o conceito de literatura desenvolvido por Lajolo (1989), onde a literatura é vista como objeto social, capaz de agir como porta para um mundo autônomo, onde o que é lido permanece vivo com o leitor até ser incorporado como vivência. Que pode representar o real, como será tratada aqui neste estudo.

A obra literária escolhida é tratada ainda como a configuração de obra definida por Candido (2006), ou seja, como algo que depende estritamente do autor/artista das suas condições sociais e de sua posição, refletindo seus valores sociais e suas ideologias. Na mesma perspectiva, é empregado aqui o conceito de representação de Chartier (2002), no qual a representação e o ato de representar estão imbuídos de relações de poder, podendo-se pensar, quem pode representar? O que representar? Estas são perguntas nas quais as respostas assumem uma posição que jamais é neutra.

Sendo Jorge Amado um dos mais importantes autores da literatura brasileira, sendo o responsável pela constituição da nossa literatura nacional, no sentido de divulgação e leitura fora do país de origem, percebe-se em suas temáticas de narrativas a vida marítima, suas obras são repletas de trabalhadores do mar, saveiristas, pescadores, estivadores, entre outros. Muitos de seus romances, aproximadamente 50% de sua obra composta por 40 romances se passam na cidade de Salvador/BA, cidade Portuária.

A obra literária aqui escolhida intitulada Capitães da Areia se desenvolve com base na narração da vida de menores abandonados que perambulam pela cidade de Salvador, vivem em grupo liderados por Pedro Bala, protagonista do livro e realizam furtos diários para suas sobrevivência. O romance é composto pelo dia-a-dia desses meninos, aproximadamente 50 crianças que compõe o grupo chamado Capitães da Areia, com ênfase em 10 personagens, entre eles uma menina chamada Dora.

Esses meninos percorrem grande parte da cidade, no entanto possuem num núcleo do seu território que pode ser considerado o ‘velho trapiche abandonado’, este lugar faz-se presente ao longo da narrativa apresentando diversas modificações em seus agentes de transformação, ou seja, dos sujeitos que se apropriam desse espaço estabelecendo então um novo território, formado por sujeitos que o compõe. Na primeira página do romance, o autor narra a brancura da areia do cais abandonado outra

hora local de grande movimentação de saveiristas e doqueiros e no momento exato da narrativa, lar dos meninos de rua que se apropriam desse espaço abandonado fazendo dele seu território.

Embora a narativa apresente diversos territórios, podendo ser citados o território dos meninos de ruas, da prostituição, dos ricos moradores da cidade, este trabalho em especial, dará atenção ao território outrora portuário, que perde sua função primordial com o movimento que envolveu diversas cidades brasileiras na construção de portos maiores e que concretizou-se também na Salvador no período que compreende a narrativa, entre 1900 a 1930 aproximadamente. Desta forma, este artigo analisará os processos territoriais neste espaço no que diz respeito a representação feita por Jorge Amado, bem como a situação atual deste espaço.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de acordo com Stake (2011), pois é um estudo que tem como característica a situação, ou seja, é algo situacional, uma vez que, se direciona a atividades de contextos únicos, neste caso a realidade de Salvador entre as décadas de 1990 e 1930, e Salvador em 2015. Segundo este autor, cada local e momento possuem características específicas. Como será analisado aqui as características específicas de determinado local numa determinada época e suas modificações ao longo do tempo.

Metodologicamente, fez-se uma revisão conceitual do conceito de território e seus processos de territorialização, desterritorialização, reterritorialização e de suas representações. Posteriormente, a partir da leitura da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, identificou-se nesta obra as representações do território ocupado pelos meninos de rua feitas pelo autor. Em uma terceira etapa, realizada durante trabalho de campo, foi realizada a identificação e o registro fotográfico do espaço tratado na narrativa de Jorge Amado, mostrando um novo processo de apropriação deste espaço.

3. TERRITÓRIO E SEUS PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO, DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO

Para Raffestin (1993) o território é formado por relações de poder, para o autor, poder está presente em toda e qualquer relação, estando assim profundamente ligado a manipulação dos fluxos que ligam e desligam as relações que envolvem a energia e a informação. Para ele o poder pode estar baseado na aplicação de sanções físicas, no controle dos recursos materiais, ou pode ainda, manipular recursos simbólicos. Ao passo que toda relação de formação de saber é um ponto de poder, pois, a energia pode ser transformada em conhecimento, ou seja, poder, de forma que a informação, ou o

conhecimento como preferir pode permitir que energia seja liberada, ou seja, força. Desta forma, o poder torna-se também um lugar de transmutações.

Majoritariamente o território é compreendido à escala nacional e tem como grande gestor, o Estado, no entanto pode-se analisar em uma micro-escala, de forma que o Estado transposto a obra analisada, passa a ser os agentes do estado, instituições estatais como as delegacias, o reformatório, entre outros.

Na concepção de Souza (2000), o território é encarado como um campo de forças, uma rede de relações sociais ou teia, que em sua complexidade é capaz de definir um limite e uma alteridade, o que proporciona a diferença do “nós”, como um grupo e os de fora, os não pertencentes a esse grupo. Assim, percebe-se claramente o grupo dos meninos de rua que formam territórios e que possuem suas leis, como escreve: “Vão alegres. Levam navalhas e punhais nas calças. Mas só os sacarão se os outros puxarem. Porque os meninos abandonados também têm uma lei e uma moral, um sentido de dignidade humana.” (Amado, 2008.p.194). E ainda, a colocação de grupos diferentes dos Capitães da Areia, como a fala de Pedro Bala: “-Amanhã tu vai embora... Não quero mais tu com a gente. Vai ficar com a gente de Ezequiel, que vive roubando uns dos outros” (Amado, 2008.p.48).

A materialidade a que está sujeito e que o constitui como fundamento mais imediato de sustento econômico e de identificação cultural de um determinado grupo, como afirma Souza (2000), desconsiderando aí pequenas trocas com o exterior do grupo. Assim, o espaço social delimitado, serve de suporte material da existência sendo um catalizador cultural-simbólico e assim, age como um fator indispensável de autonomia.

Aqui pretende-se introduzir e fundamentar o que vem a ser e como se dão os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, uma vez que esses processos se fazem presentes ao longo de *Capitães da Areia*, atuando na dinâmica territorial, desta forma serão utilizados com maior ênfase os teóricos brasileiros, Souza e Saquet, bem como o geógrafo estadunidense Robert D. Sack.

Territórios existem e são desconstruídos e construídos nas mais diversas escalas, podendo ser em escala nacional ou em associação com o Estado, este tido como gestor, no entanto Souza (2000) afirma que necessariamente o território não deve ser reduzido a estas escalas ou a sua redução à ligação com o Estado, de forma que pretende-se aqui evidenciar e fomentar o tema, presente na obra selecionada.

Assim, podemos perceber esses dois processos de duas maneiras diferentes no romance, seja através do processo envolvendo os menores abandonados, seja através do uso e das pessoas que povoam o trapiche. Ou seja, ainda segundo Souza (2000) os territórios são construídos e desconstruídos

dentro de diferentes escalas temporais, podendo ser séculos, décadas, meses, dias ou anos. Com isso, o território pode ter caráter permanente ou cíclico e periódico. O autor ainda coloca sua insatisfação quanto a restrição do território no meio científico no emprego do mesmo prioritariamente a forma de território nacional, assim pretende-se aqui trabalhar o território rompendo os caminhos traçados tradicionalmente, expandindo assim, seu uso e compreensão.

Pode-se definir territorialidade como a tentativa de um indivíduo ou grupo influenciar, afetar, controlar pessoas ou fenômeno através das relações, bem como, através da delimitação e afirmação de controle sob uma área geográfica, sendo essa área geográfica chamada de território (Sack, 1986). Assim, um lugar pode ser usado como um território num determinado momento e em outro não, o que significa que pode-se criar um território, no entanto, diferente de locais comuns, criáveis e não criáveis, o território que distingue pois requer um grande esforço afim de estabelece-lo e mantê-lo, o que resulta em estratégias que podem controlar pessoas e coisas. Ao passo que a alternativa usada quase sempre na manutenção de territórios parte sempre de uma ação-não territorial.

Ao que Saquet afirma sobre o processo de territorialização, desterritorialização, reterritorialização: “Redes, poderes, territórios, apropriações, tempos, produções, territorialidades, atores, todos são elementos e movimentos sempre presentes historicamente, na territorialização, na desterritorialização e na reterritorialização [...]”(SAQUET, 2008. p. 88). Esses processos podem ser apreendidos ao considerar, os *atores sociais*, incluindo todas as suas relações, cotidianas e não cotidianas na forma de redes que se efetivam em diferentes escalas. Ou seja, ao pensarmos em atores sociais, podemos atribuir os trabalhadores antes do trapiche e posteriormente do porto como exemplo.

Também deve-se considerar as formas de *apropriação*, tanto materiais, como simbólicas do espaço, ou seja, materiais e imateriais incluindo as mais diversas instâncias e instituições, podendo-se tomar como exemplo o sindicato dos doqueiros. As *técnicas e tecnologias* também são agentes que levam aos processos aqui trabalhados, o que facilmente pode-se evidenciar nos processos de desterritorialização e reterritorialização dos espaços trabalhados, uma vez que o trapiche deixa de ser utilizado como consequência da construção do porto, ou seja, devido a chegada de tecnologias que auxiliaram no processo envolvendo o trabalho a ser desenvolvido. Ainda pensando no ambiente do porto, também se destacam as *relações de poder e de trabalho*, as quais envolvem consumo de energia e de informações, mercadorias e exploração inseridas na reprodução da sociedade. Entre outras formas que contribuem para esses processos. Desta forma Saquet faz uma interessante colocação do resultado da territorialização:

O território é produto social e condição. A territorialidade também significa condição e resultado da territorialização. O território é o conteúdo das formas e relações materiais e imateriais, do movimento, e significa apropriação e dominação, também material e imaterial, em manchas e redes. (SAQUET, 2008.p.90).

Desta forma a territorialidade corresponde ao poder que é exercido, extrapolando as relações políticas, envolvendo sempre a tríade do político, cultural e econômico, acerca do controle de indivíduos ou grupos em lugares de controle, no espaço geográfico. Com isso tem-se a efetivação da territorialidade nas nossas relações cotidianas, ou seja, através das nossas relações sociais.

3.1. Desterritorialização e Reterritorialização do Trapiche

Se levarmos em consideração o lugar que serve de cenário aos Capitães da Areia, o lugar onde eles se reúnem diariamente para dormir. Percebemos já nas primeiras páginas do livro, que esse lugar sofreu transformações, como diz Amado: “Desta ponte saíram inúmeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados de estranhas cores, para a aventura das travessias marítimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nesta ponte de tábuas, hoje comidas.” (Amado, 2008. p.27).

Ou seja, através do trecho citado, nota-se determinado uso do trapiche no qual, no momento seguinte mostra-se de outra forma. Mas que, segundo Raffestin: “O poder, antes de se difundir e antes de se esgotar, se cristaliza num lugar, em lugares que com frequência ele marca profundamente, às vezes até de uma forma indelével.” (RAFFESTIN, 1993.p.186). No entanto, se analisado esse momento do lugar percebemos o território na concepção de Souza:

Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (os quais são apenas os substratos materiais das territorialidades-voltar-se-á a isso mais adiante), podem, conforme já se indicara na introdução, formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simplesmente anos ou mesmo meses, semanas ou dias), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter exigência regular mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos- e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo. (Souza, 2000.p.87).

Assim, percebemos as mudanças que ocorreram nesse espaço, sem que seu substrato material necessariamente tenha se modificado, ao contrário, a areia que agora inunda o cais resulta da falta de uso, antes empregado naquele lugar, como se vê:

É que na sua frente se estende agora o areal do cais do porto. Por baixo da ponte não há mais rumor de ondas. A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros. Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravatura.(Amado, 2008.p.27).

Quanto aos grupos que anteriormente ocupam esse espaço antes e depois de sua transformação e modificação de uso, percebe-se o processo de desterritorialização e reterritorialização, na qual o uso político segundo Haesbaert (2000) coloca que a desterritorialização não deve ser vista somente como um desenraizamento do meio físico e de suas fronteiras, bem como com o aumento de sua mobilidade

no sentido concreto. Ou como coloca Saquet (2008): “O território das trocas também é cotidiano, mas envolve uma articulação entre o regional, o nacional e o internacional, num movimento perpétuo e caracterizado pela descontinuidade (ruptura) temporal, espacial e linguística.” (SAQUET, 2008.p.85).

Ao que Raffestin (1993) diz, de grandes organizações ou pequenas, estão envolvidos atores sintagmáticos que produzem esse território, com fatores que tanto podem ser favoráveis como limitantes, no caso observado na obra, os fatores foram limitantes, pois proporcionaram um fim do território no trapiche, no sentido de que o poder sobre o lugar pertencia a organização responsável pelo embarque e desembarque de saveiros, da carga e descarga dos mesmos e demais atividades que ali ocorriam, pois toda essa energia, esse trabalho acaba sendo transferido a outro lugar, nesse caso o porto, onde então, se constrói um novo território. Saquet (2008) faz um apontamento acerca do significado do tempo nesse processo:

O tempo significa, nesta compreensão, um movimento contínuo. O tempo presente, passado e futuro indica processualidade e, também, simultaneidade, pois vivemos diferentes temporalidades e territorialidades, em unidade, em processo constante e concomitante de desterritorialização e reterritorialização que gera sempre *novas* territorialidades e *novos* territórios que contêm traços/características dos velhos territórios e territorialidades. (SAQUET, 2008.p.82)

A autora Gitahy em seu livro *Ventos do Mar* nos dá um panorama sobre o trabalho que é realizado num porto, bem como de como se formou essa classe operária trabalhadora nos portos do Brasil. Segundo Gitahy (1992) na época chamada de “novo imperialismo” surge a necessidade de articular o mercado devido a crescente produção de alimentos e matérias primas, com isso, surge a necessidade da construção de ferrovias e portos para atenderem esse mercado internacional. É nesse período em que são construídos diversos portos no Brasil, inclusive o de Salvador, ao que tudo indica segundo o possível intervalo de tempo em que se acredita que o autor procura representar, que vai do de 1900 a aproximadamente 1930. Sendo assim, é sabido que a construção do porto na cidade de Salvador data de meados de 1916, portanto compreendido na época a qual a autora realiza seu estudo.

Tanto as construções de ferrovias como dos portos foram os primeiros empreendimentos capazes de reunir um numero significativo de trabalhadores livres e com isso o movimento operário que nasce e ganha voz, crescendo e deixando sua marca. Gitahy nos diz que na última década do século XIX começaram a ocorrer as primeiras greves dos doqueiros, o que é ilustrado por Jorge Amado, uma vez que o pai de Pedro Bala, trabalhador nas docas estava a frente de uma greve quando foi morto, isso quando o menino tinha apenas 4 anos de idade, ou seja, ligando o tempo em que supõe-se que o romance se passa, com a data levantada pela historiadora. Ao mesmo tempo em que ela coloca que somente com a chegada do novo século é que passam a construir as primeiras organizações entre os operários, ao que Amado de certa forma, induz nos últimos capítulos do livro.

Embora a pesquisa de Gitahy seja essencialmente ligada ao porto da cidade de Santos/ SP, a autora traz informações que na época abrangiam os vários portos existentes e em construção, assim é apresentada a situação precária em que se encontravam os portos no período que antecede as construções, como as embarcações que ficavam em alto mar, longe dos velhos trapiches, trapiches esses, usados por trabalhadores que carregavam nas costas as cargas e mercadorias que ali chegavam e saíam. Sendo um destes trapiches, mais tarde ocupado pelos Capitães da Areia.

Com isso, como afirma Sack (1986), a territorialidade forma um cenário propício as relações humanas e corporações do espaço, apontando sempre para essas relações que nunca são neutras. Os seres em nenhum momento estão em determinado lugar no espaço por mero acaso, ao contrário, toda interação humana, contato e movimento estão ligados a transmissão de energia e informação que podem influenciar e controlar ideias, acessos e ações.

Diferentes sociedades, assim como diferentes grupos, utilizam-se de diferentes tipos e formas de poder, de acordo com as mudanças ocorridas na sociedade, a área geográfica e seu significado também mudam, o que faz com que a Geografia Histórica volte seu olhar sobre as interconexões que são estabelecidas, como acontece no trapiche a que este subcapítulo se destina. Assim, a Geografia Histórica preocupa-se com o contexto sócio-histórico que depende da organização geográfica e seu significado, ao passo que a territorialidade irá se preocupar com a organização geográfica e seu significado dependentes de muitas coisas, pressupondo que é necessário a manutenção em diferentes escalas dos acessos seja de pessoas seja de coisas e relações. Desta forma, tanto as organizações espaciais e seus significados possuem histórias, bem como uso territorial do espaço, estando assim intimamente ligadas e inter-relacionadas.

Ao mesmo tempo em que Raffestin (1993) nos diz que a vida é tecida por relações fazendo com que a territorialidade possa ser definida como um conjunto de relações originadas de um sistema que é tridimensional, ou seja, sociedade-espaço-tempo, com a finalidade de alcançar a maior autonomia possível e que seja compatível com os recursos oferecidos pelo sistema. Com isso essa territorialidade é capaz de resumir a forma pela qual as sociedades se satisfazem, tudo isso num determinado local determinado tempo, envolvendo também uma carga demográfica usando assim suas necessidades em energia e informação, constituindo assim, relações tanto simétricas como dissimétricas que são caracterizadas por ganhos e perdas que podem ser equivalentes ou não.

Ao pensarmos a territorialidade do trapiche percebemos que a mesma é constituída por relações mediatizadas, tanto simétricas como dissimétricas com a exterioridade, inscrevendo-se no quadro da produção e da troca, ou seja, no consumo das coisas, desta forma a territorialidade é sempre uma relação com diferentes atores. Como afirma Raffestin:

Toda produção do sistema territorial determina ou condiciona uma consumação deste. Tessituras, nodosidades e redes criam vizinhanças, acessos, convergências, mas também disjunções, rupturas e distanciamentos que os indivíduos e os grupos devem assumir. Cada sistema territorial segrega sua própria territorialidade, que os indivíduos e as sociedades vivem. A territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais; ela é consubstancial a todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma, é a “face vivida” da “face agida” do poder. (RAFFESTIN, 1993.p.161-162).

Desta forma, percebe-se claramente no espaço analisado a territorialidade que envolve o trapiche, permeando seu uso desde sua origem, até o momento mais ínfimo da obra onde ele aparece, pode-se perceber as rupturas e distanciamentos os quais os grupos assumem, se pensarmos na localização do trapiche e a segregação produzida através desse território, onde diferentes escalas sociais estão envolvidas, no entanto em diferentes patamares e funções.

Os processos materiais são também imateriais, pois percebe-se que as mudanças sociais possuem ritmos bastante diferentes que são resultados do modo de viver e de produzir, seja em qualquer uma das três esferas, cultural, política ou econômica, desta forma o território é considerado um produto histórico sujeito a mudanças bem como permanências que ocorrem onde se desenvolve a sociedade (TURRI, 2002). Com isso o território passa a significar a apropriação do ambiente, ambiente este que é construído com diferentes variáveis e relações.

Atualmente, o território narrado por Jorge Amado pertence a propriedade privada, restando na faixa que correspondia ao ‘velho cais’ um trapiche privado, bem como, restaurantes e outras propriedades fechadas. Como se pode perceber na imagem a seguir:

Imagem 1: Antigo cais do porto de Salvador



Fonte: Produção do Autor

Com isso, percebe-se que o espaço jamais pode-ser considerado como algo fixo e estatico pois o mesmo jamais é finito como afirma Massey (2008), o espaço faz diferença, sendo um produto de inter-relações, que são constituídas através de interações entre o global e o intimamente local, como percebeu-se com o movimento de criação de portos resultado de uma demanda internacional, podendo ser considerada global, uma vez que a transformação se dá no local, mas que as consequências chegam ao global. Por fim, adota-se aqui a ideia da autora, de que o espaço esta sempre em construção, e sendo o território uma construção a partir do espaço, este está continuamente sujeito a processos de reterritorialização.

4 CONCLUSÕES

O território é compreendido como um espaço determinado pelas relações de poder e domínio, desta forma, foi possível identificar na obra *Capitães da Areia*, representações que se inserem neste conceito, permitindo assim a identificação destes territórios. O território por fim ocupado pelos meninos de rua representados por Jorge Amado apresenta as características descritas pela literatura acadêmica quanto a estes espaços, ou seja, flexibilidade espacial e temporal.

Os processos materiais são também imateriais, pois se percebe que as mudanças sociais possuem ritmos bastante diferentes que são resultados do modo de viver e de produzir, seja em qualquer uma das três esferas, cultural, política ou econômica, desta forma o território é considerado um produto histórico sujeito a mudanças bem como permanências que ocorrem onde se desenvolve a sociedade (TURRI, 2002). Com isso o território passa a significar a apropriação do ambiente, ambiente este que é construído com diferentes variáveis e relações.

O trabalho de campo possibilitou verificar a presença destes territórios e suas modificações no centro da cidade de Salvador, registrando-os e interpretando-os. Por fim, a elaboração deste trabalho mostrou que é possível o uso da literatura como objeto social capaz de representar determinadas percepções da realidade, que podem servir para reflexões acerca dos problemas de ordem territorial, tendo em vista o pouco uso da literatura pela Geografia e que, no entanto se mostra como um vasto campo de estudos e possibilidades de análise da sociedade por parte do geógrafo.

5 REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ªed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2.ed. Álgês/Portugal: DIFEL, 2002.

- FUENTES, Carlos. **Geografia do romance**. (trad. Carlos Nougué) Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- GITAHY, Maria Lucia Caira. **Ventos do mar: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- HAESBAERT, Rogério. DESTERRITORIALIZAÇÃO: ENTRE AS REDES E OS AGLOMERADOS DE EXCLUSÃO. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.p.165-205.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- LAJOLO, Marisa. **O que é a Literatura**. 11ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SACK, Robert David. **Territorialidade Humana: sua teoria e história**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio. SPOSITO, Eliseu Savério. (organizadores): **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.p.73-94.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. O TERRITÓRIO: SOBRE ESPAÇO E PODER, AUTONOMIA E DESENVOLVIMENTO. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p.77-116.
- STAKE, Robert. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- TURRI, Eugenio. **La conoscenza del território**. Metodologia per um'analyse storico-geográfica. Venezia: Marsilio, 2002.